

Semana inglesa desagradada a 77% dos consumidores

Uma pesquisa realizada pela MSC, Estudos de Mercado e Opinião Pública, realizada entre os dias 12 e 13 passados, indica que para 60 por cento dos entrevistados, o principal dia de suas compras é o sábado. Entre estes, 58,6 por cento fazem estas compras no sábado à tarde.

Se o comércio fechar sábado à tarde, os maiores prejudicados serão os consumidores das classes D e E, os mais carentes, já que 66 por cento fazem suas compras no sábado, sendo que 62,2 por cento o fazem no período da tarde.

Quando perguntados sobre o novo horário proposto para o funcionamento do comércio, 77,4 por cento dos entrevistados se posicionaram contra a chamada semana inglesa. Apenas 19,6 por cento foram a favor, e três por cento não responderam.

Sobre a preferência para o horário do funcionamento do comércio, novamente apenas uma minoria defendeu a semana inglesa, 24,8 por cento. A grande maioria se dividiu entre manter o horário atual (39 por cento) ou até ter o horário livre para funcionamento (36 por cento).

Pesquisa comprova

OPINIÃO	SEXO			CLASSE SOCIAL			FAIXA ETÁRIA		
	Total	Masc.	Fem.	A e B	C	D e E	16 a 24	25 a 39	40 a 70
A favor	19.6	18.8	20.2	19.2	21.3	18.1	20.7	19.7	18.2
Contra	77.4	79.5	75.6	77.8	75.0	80.1	77.8	78.4	75.6
NS/NR	3.0	1.7	4.2	3.0	3.7	1.8	1.5	1.9	6.2

Deputados tentam um acordo

A uma semana do encerramento do prazo para o governador Joaquim Roriz sancionar ou vetar o projeto que estabelece a semana inglesa, os deputados distritais tentam um acordo entre comerciantes e comerciantes para facilitar a aprovação final da proposta. O deputado Geraldo Magela (PT), relator do projeto aprovado em plenário, informou que está negociando um encontro com representantes dos sindicatos patronal e laboral antes da decisão do governador.

Esse acordo prevê a aprovação do projeto sem vetos parciais, jogando para o futuro uma negociação entre as partes que permita a abertura do comércio nos sábados à tarde e domingos. O presidente do sindicato dos comerciantes, Raimundo Neves, afirmou que a categoria está disposta a ceder, mas criticou a má vontade dos empresários: "Os patrões já deixaram claro que não aceitam negociação, eles são contrários a qualquer lei que fortaleça o sindicato", afirmou.

O deputado Manoel de Andrade, líder do PTR na Câmara, informou que o governo não pretende medir forças com o Legislativo, e que vai tentar tomar uma decisão que agrade à maioria da população: "Nós não podemos elaborar leis que agradem a uma minoria e prejudiquem o grosso da população", afirmou.

Pesquisa — Sobre o resultado da pesquisa feita pelo **CORREIO BRAZILIENSE**, e confirmada ontem pela MSC, que aponta a maioria da população como contrária à semana inglesa, o deputado Carlos Alberto (PCB) disse que está havendo uma distorção



Neves: disposto a ceder

dos fatos: "Estão escondendo da sociedade que o projeto permite a negociação para a abertura do comércio no sábado à tarde e no domingo", observou o deputado.

Carlos Alberto lembrou ainda que a proposta aprovada pela Câmara deixa de fora 14 setores do comércio, que não estão proibidos de abrir nos finais de semana. O fato é que os números indicam que a maioria da população tem o hábito de fazer compras no sábado à tarde e com a implantação da semana inglesa estes consumidores sairiam prejudicados.

O deputado Aroldo Satake (PDS) lembrou que a possibilidade de aprovação da semana inglesa já está inflacionando o comércio informal no DF: "Uma barraca na feira do Guarã está avaliada em 12 milhões de cruzeiros, enquanto um ponto na Ceasa não vale mais do que um milhão", comparou o deputado.